

PMS GERIN

BIBLIOTECA

Journal

Data 26/06/95

Cod. 10

Página 3

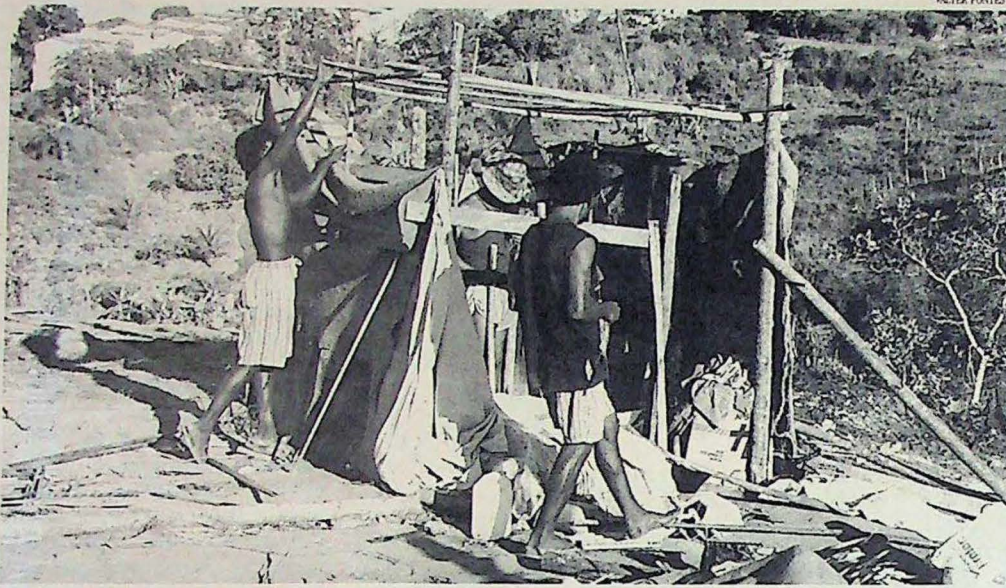
Seção

Assunto Habitação

I DESABRIGADOS

Favelados fingem que foram vítimas da tragédia

A intenção é conseguir comida, remédio e as casas que estão sendo prometidas pelo estado e prefeitura



Os favelados tentam aproveitar a oportunidade para tentar melhorar condição de vida e ter um teto

Mais de 500 famílias estão com problemas

Salvador tem hoje mais de 500 famílias desabrigadas pelas chuvas, incluindo aquelas que perderam suas casas nos deslizamentos verificados no Arraial do Retiro e em Cajazeiras VI. A Coordenadoria de Defesa Civil (Codesal) tem cadastradas mais de 1.500 famílias morando em áreas consideradas como de risco iminente, das quais 400 estão sendo transferidas para galpões e escolas municipais. Este levantamento, divulgado hoje (dia 14), mostra ainda a existência de 25 núcleos habitacionais, localiza-

dos em cinco bairros, que poderão se transformar em cenários de novas tragédias, caso continue a chover intensamente sobre a cidade. A promessa do governo do estado de construir apenas 150 casas para os desabrigados está criando problemas para a Secretaria Municipal de Ação Social (Semas), "pois o número de inscritos, inclusive de pessoas que estão vindo do interior, supera em muito aquele que foi divulgado", observa o secretário Luiz Leal.

São consideradas áreas de "risco iminente" pela Codesal as

localidades Bom Viver e Santa Luzia, no Lobato; Praia Grande, Coutos, Fazenda Coutos, Alto do Cabrito e Paripe, todas no subúrbio ferroviário; Baixa do Cacau, Capelinha, Pirajá e Campinas de Pirajá, Bom Juá, Calafate, Fazenda Grande do Retiro e Dique Pequeno, na microrregião de São Caetano; na área de Brotas, Ogunjá, Padre Elói e Cosme de Farias; em Pau da Lima, várias invasões ao longo da Avenida São Rafael; Vila Canária, Canabrava, Novo Marotinho e Castelo Branco; em Tancredo Neves, Arenoso e Narandiba.

Moradores farão campanha para evitar acidentes

Conscientes de que o risco de desabrigamentos aumentou na encosta do Arraial do Retiro por causa da intervenção desordenada, moradores do local, recebidos pela prefeita Lúcia da Mata, comprometeram-se a desenvolver uma campanha no bairro para reduzir a possibilidade de novos acidentes.

Além da própria ocupação com casas de estrutura frágil, os maiores problemas nas encostas são a retirada da vegetação natural e o corte inadequado do talude, que é a inclinação em relação à parte plana. Evitando-os, as comunidades já estarão garantindo razoável segurança nos locais de maior risco, embora não seja uma solução definitiva.

A prefeita disse aos 17 representantes de moradores que na próxima segunda-feira estará novamente no Arraial do Retiro, juntamente com técnicos, para relacionar mais providências que podem ser adotadas de imediato. "Sollicitamos recursos emergenciais de R\$ 11 milhões, foi prometida a liberação de uma primeira parcela, de R\$ 4 milhões, mas a Prefeitura nada recebeu", sintetizou Lúcia.

Entre as providências, a prefeita se comprometeu a intensificar os trabalhos de manutenção, conservação, limpeza e demolição das casas que estão condenadas, transferindo os seus ocupantes. Com relação à contenção das encostas, mais uma vez voltou a informar que por ser uma obra caríssima depende da liberação de pelo menos R\$ 55 milhões, conforme projeto específico já encaminhado ao Governo Federal.

Centenas de pessoas estão tentando ingressar nos abrigos onde estão alojadas as vítimas dos desabrigamentos, das mais diversas formas. Algumas pessoas estão até mesmo derrubando o próprio barraco a fim de conseguir um aval técnico da Codesal, que afirma ter sido mais uma vítima de desabrigamento, precisando de ajuda.

Do lado de fora dos abrigos superlotados, muita gente luta por uma vaga já que este é um dos caminhos de se conseguir uma casa ou um terreno doados pelos governos estadual ou municipal. Só a Secretaria Municipal da Ação Social (Semas) já cadastrou 934 famílias que necessitam de um novo lugar para morar.

Este é um sonho dividido entre as 308 famílias que se espalham pelos onze abrigos da cidade, todas vítimas de desabrigamentos ou de encostas perigosas onde suas casas ainda se equilibram. Enquanto o sonho não se concretiza, as famílias dividem os pequenos espaços com pessoas desconhecidas e tentam improvisar uma casa.

Dois lençóis podem transformar-se em paredes, permitindo uma noite de amor silencioso; o aparelho de som, trazido das residências que ainda não desabaram, toca, de vez em quando, um pagode, lembrando os domingos ruidosos dos bairros distantes. A angústia torna conta daqueles que perderam tudo na lama.

De uma das salas do Galpão da Leste, a qual divide com mais três famílias, Cremilda Conceição, grávida de 5 meses, relembra os últimos minutos da tragédia que vitimou 31 pessoas no São Gonçalo do Retiro: "a lama cobriu a cama de casal e derrubou as paredes. Eu corri então para a cozinha, onde estavam meu marido e minha filha de dois anos. Num movimento rápido, saímos do cômodo, que também desabava".

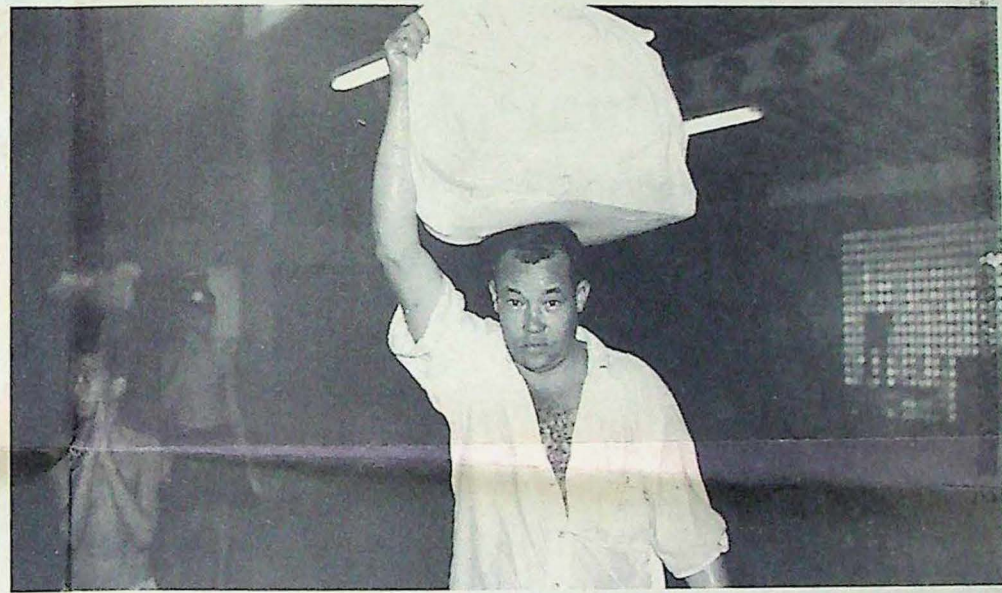
Já fora de perigo, Cremilda olhou ao redor e não viu nenhuma das casas de seus vizinhos. O silêncio só era quebrado pelos montes de terra que ainda caíam. Agora, ela e os outros sobreviventes da tra-

gédia que vitimou 57 pessoas, só esperam conseguir uma das 150 casas prometidas pelo governador.

MELHOR DO QUE EM CASA

Esta é a primeira vez que muitas pessoas fazem três refeições por dia. Na Escola Pinto de Carvalho, que abriga 349 pessoas de 35 famílias, o almoço tem sido farto: arroz, feijão, alguma carne e quase sempre uma sobremesa; para o café da manhã os padeiros do bairro estão doando pão fresco, leite e café; na janta o cardápio do meio dia pode repetir-se.

Para Juciara Brito, abrigada no Galpão da Leste, esta é a grande oportunidade de curar-se da tuberculose e da úlcera hemorrágica e acrescentar algumas gramas aos seus 35 quilos: "na minha casa eu só comia de vez em quando, pois meu marido está desempregado. Aqui eu recebo remédio, comida e a ambulância me leva para o hospital quando preciso".



Muitas famílias foram acomodadas em outros locais, liberando as salas onde estavam instaladas

Verdadeiras vítimas são transferidas

Cerca de 90 desabrigados, vítimas da tragédia de São Gonçalo do Retiro, que estavam instaladas na Escola Municipal Murilo Celestino foram transferidos, ontem, para um prédio da Brasilgás na Estrada Velha do Aeroporto, Km 1. Apesar das reclamações, quase 20 famílias foram acomodadas individualmente nas 24 salas existentes no galpão localizado numa área arborizada e murada.

Segundo a técnica de área da Secretaria Municipal da Ação Social, Ângela Requião, foi preciso muito trabalho para convencer as pessoas quanto à mudança, pois eles temiam ficar em algum lugar sem as mínimas condições de moradia. Desesperados com a situação, muitos dos desabrigados se recusaram a deixar a

Escola Murilo Celestino e denunciaram que a prefeitura tinha dado um prazo até a próxima segunda-feira para que eles desocupassem as salas.

Ângela afirma que a prefeitura tomara esta decisão, ao contrário, vendo a necessidade de os estudantes voltarem às aulas, providenciou um lugar para colocar as famílias. "Entendo o medo de muitas pessoas, que tinham sua casinha e hoje se encontram nesta situação. Para eles é humilhante, mas os alunos precisam retornar às aulas".

Depois de muito esforço por parte das técnicas da Semas e assistentes sociais, os desabrigados aceitaram mudar para o prédio da Brasilgás. Um dia foi o tempo necessário para que eles se adaptassem à nova

casa e mudassem de ideia. Este é o caso de Josefa de Jesus Gonçalves, 69, que vive na companhia de um filho. Ela conta que está satisfeita no prédio, mas só vai estar melhor quando receber as chaves da casa que o governo prometeu construir. "Estou gostando porque cada um está agora no seu quarto, não tem mais aquela bagunça. Mas só vai melhorar quando estiver em minha casa", disse.

Outras 59 famílias de desabrigados continuam no Colégio Alberto Valente, em São Gonçalo do Retiro, mas o secretário da Ação Social já estudou possíveis lugares para transferir as pessoas e liberar as salas para a volta às aulas.



Apesar da situação perigosa todos os dias surgem novos casebres

Desafiando a gravidade

Um dos pontos de maior desafio da lei da gravidade em Salvador é a Pedreira do Calafate. Lá em cima, a uma altura correspondente a um prédio de 12 andares, os moradores da Fazenda Grande do Retiro passam boa parte do dia olhando para baixo. Leigos conferem rachaduras, "estudam" o terreno como se fosse possível detectar o momento de novas tragédias. O que mais chama a atenção é o ângulo da encosta, quase 90 graus em relação ao chão.

Nesse local, garis-equilibristas da Limpurb passaram a semana cortando mato e recolhendo lixo e entulho. "Já recolhemos 40 toneladas de lixo, terra e mato somente dessa encosta", garante o gerente de operações quatro da Limpurb. Na área referente a Liberdade, Pero Vaz, San Martin e Baixa de Quintas, o trabalho é constante. "Re-

cebemos 85 solicitações de limpeza e desobstrução de encostas e já fizemos trabalhos em 50 desses locais", continua. Em maio caiu parte do paredão de barro e pedra.

Benedita e Raimundo Ping dormem num cubículo nas redondezas da casa onde moram há 22 anos. Durante o dia retornam à casa ameaçada, na Av. Santa Luzia, 59-E, para comer e trabalhar. Fim da tarde, fogem.

Os vizinhos não querem ir embora. Sabem que nos galpões o dia-a-dia cheira a urina coletiva e ameaças de pequenos furtos. Geralmente têm apenas dois banheiros, um para cada sexo, com filas quilométricas. "Essa pedreira já foi bombardeada há muito tempo, tem rachaduras mas eu prefiro morrer aqui embaixo do que viver no sufoco", desafia José Alves, 29 anos, desempregado.